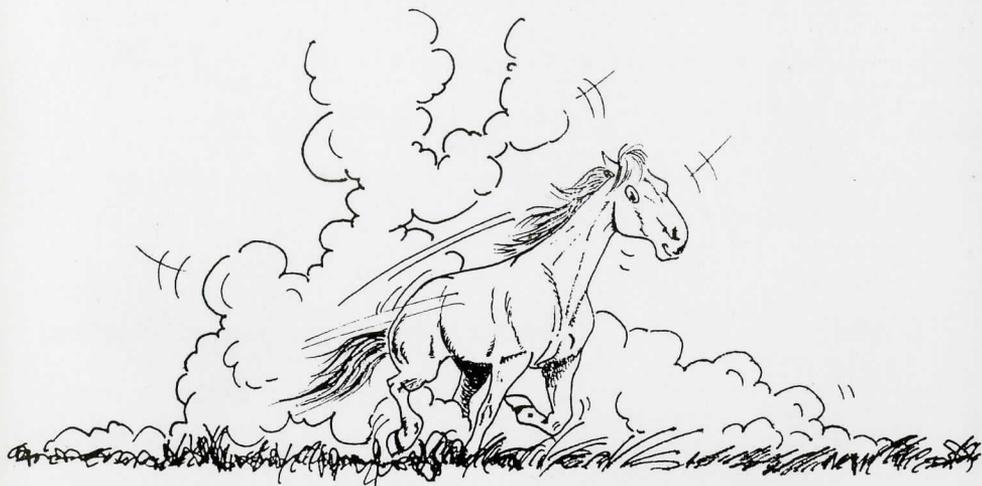


Anabela Ferreira



Lendas, Mitos e Histórias
de
Vila Franca de Xira

Ilustrações de João Ramalho

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Pelouro da Cultura
Edição do Museu Municipal

LENDA DE NOSSA SENHORA DE ALCAMÉ

Índice

Lenda de Nossa Senhora de Alcamé	pág. 3
O Filho do Vento	pág. 9
História do Tejo	pág. 12

A lenda é um espaço em que se encontra a história e a cultura de um povo. É a criação de um mundo imaginário que se relaciona com a realidade. É uma forma de expressão artística que tem como objetivo entreter e educar. É uma forma de preservar a memória de um povo e de transmitir valores e tradições. É uma forma de criar um sentido de pertencimento e de identidade. É uma forma de lutar contra o esquecimento e de manter viva a história de um povo.

Para que possam conhecer melhor a história de Alcamé, apresentamos este livro. Ele contém a lenda de Nossa Senhora de Alcamé, o filho do vento e a história do Tejo. Esperamos que seja útil e agradável para todos os leitores.

Manual de História de Alcamé, 2010. Edição de 1000 exemplares. Preço: 0,50€.

Agreda, 12 de Maio de 2010. Conversa com os autores e a lenda.

Índice

Lendas de Nossa Senhora de Azevedo pag. 3
O Filho do Vento pag. 5
História do Tejo pag. 12

FICHA TÉCNICA:

Título: Lendas, Mitos e Histórias de Vila Franca de Xira

Autor: Anabela Ferreira

Ilustrações: João Ramalho

Propriedade: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Maquetagem e arranjo gráfico: Constantino Agostinho

Capa: João Ramalho e Constantino Agostinho

Execução Gráfica: SOARTES - artes gráficas, lda.

Edição: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, Maio de 2000

Tiragem: 6.000 exemplares

Depósito legal N.º: 138380/99

ISBN 972-8241-20-8

LENDA DE NOSSA SENHORA DE ALCAMÉ



A lezíria é um espaço imenso que, ainda hoje, é destinado à agricultura e à criação de cavalos e gado bovino, como o touro bravo que pasta em campos cercados por arame entre estacas de madeira.

Para aqui vinham, noutros tempos, gentes do Alentejo e do Ribatejo. Ficavam durante uma estação, ou duas, para trabalhar a terra, ou para pastorear o gado, depois regressavam às suas aldeias, para voltar no ano seguinte.

Numa dessas levas de trabalhadores sazonais, veio um dia o Manuel Francisco, um pastor que durante muito tempo andou sozinho pela lezíria, pastoreando o gado.

Agradava-lhe aquela vida de solidão. Conversava com os bichos e tinha a ilusão que eles o entendiam.

Às vezes puxava da gaita de beijos – que trazia sempre consigo, no mesmo saco em que tinha o pão de vários dias, alho e uma almotolia com azeite, para fazer o torricado, quando a fome apertava – e esquecia-se do tempo, a tocar as modinhas que conhecia dos bailes e das casas de brincadeira, que era onde a malta nova se divertia a dançar, num tempo em que nem sequer havia televisão.

Um dia um saca rabos espreitou da toca, para escutar melhor a melodia. Num outro dia foi uma garça que pousou a pouca distância, em cima de uma estaca. A natureza curvava-se em homenagem às músicas que o Manuel Francisco tocava.

O tempo foi passando, lento. A rotina era sempre a mesma. O Manuel estava a começar a sentir o peso da solidão, quando, num dia quente encontrou um filhote de cobra, junto do copo onde costumava beber leite. Admirado, percebeu que a cobra bebia o resto de leite que ainda estava no copo. Não tinha conhecimento que as cobras bebessem leite.

Era um bicho bonito, com a pele num tom de verde que ele nunca tinha visto. Aproximou-se devagar, evitando assustar o animal. Pegou-a entre os dedos, e a cobra, assustada, enrolou-se nos mesmos. Mas como o rapaz começou a falar mansinho, ela pareceu acalmar-se.

Desde esse momento os dois passaram a andar juntos. O Manuel colocava a cobra no bolso do colete, ela aconchegava-se, como se fosse um ninho e ali ficava a escutar as histórias do rapaz e a ouvir a música da gaita de beijos, que o Manuel, agora, tocava só para ela.

Mas as cobras não são surdas? Essa foi um pergunta que o Manuel fez para si mesmo. Parecia que aquela era uma cobra mesmo muito especial, não só bebia leite, que o rapaz lhe dava todos os

dias, como também escutava as músicas da gaita e o assobio do Manuel.

Aconteceu por acaso. O Manuel acordou numa manhã e não viu a cobra. Assobiou e em alguns minutos ela apareceu. Ele nem queria acreditar, mas na verdade era assim. Sempre que ela se afastava, por qualquer razão, se o rapaz lhe assobiasse, estivesse onde estivesse, a cobra aparecia.

Os dias passaram e, em breve, chegaria o tempo do Manuel deixar a lezíria e voltar para casa. Nos últimos dias o rapaz andava triste. Tinha pensado em levar a cobra com ele, mas chegara à conclusão que isso seria um acto egoísta. Ela nunca seria feliz longe da lezíria. Tinha que a deixar.

No dia da partida, caminhou até à ermida de Alcamé, onde uma imagem de Nossa Senhora velava por todos os que trabalhavam naquelas terras. Sentou-se nas escadarias, tirou a cobra do bolso e começou a assobiar baixinho uma cantiga, enquanto ela se enroscava à volta dos seus pulsos como se dançasse. Depois, segurou-a pela cabeça, e disse:

- Vou ter que partir amiguinha. Tenho muita pena, mas não posso ficar. Prometo que para o ano volto. Espero que não te esqueças deste teu amigo.

Pousou-a no solo e afastou-se, sem olhar para trás, fazendo força para não chorar.

De regresso à aldeia, o Manuel Francisco falou da cobra que tinha deixado na lezíria. A maior parte dos que o ouviram fizeram troça. Pouca gente acreditava naquela história, apesar de saberem que não era costume do rapaz mentir.

– Foi de passar tanto tempo sozinho. Teve visões, foi o que foi.
– diziam alguns.

O rapaz não se importou. Continuou a sua vida. De vez em quando lembrava-se da cobra e pensava que um dia havia de voltar à lezíria para a encontrar.

Esse dia chegou, passado um ano. O Manuel Francisco aceitou de novo o trabalho de pastor e partiu para a lezíria de Vila Franca.

No dia seguinte à sua chegada, na hora do almoço, foi até à ermida de Alcamé. Passara a manhã a assobiar, atento ao chão na esperança de ver a cobra aparecer. Não tinha adiantado de nada tanto assobio. A última esperança era ali, junto da ermida, onde tinha deixado a cobra no ano anterior.

Assobiou várias vezes, mas nem sinal do bicho. Estava mesmo para desistir, quando ouviu um ruído vindo das ervas.

– És tu cobrazita? – perguntou cheio de esperança, para logo recuar assustado perante o animal gigantesco que se elevou do solo.

O Manuel reconheceu-a. Era mesmo a cobra, mas algo de terrível tinha acontecido. O animal que ele acolhera tinha crescido e elevava-se gigantesca a cima dele. A cabeça enorme inclinava-se para o rapaz. Olhando para os olhos do monstro, o rapaz percebeu que estava perdido.

– Sou eu, o teu amigo. – disse o Manuel e assobiou baixinho tentando com isso que a cobra o reconhecesse.

A cobra ondulou o corpo. Por momentos o rapaz acreditou que tinha resultado. Mas, então, o monstro lançou-se sobre ele, boca escancarada, capaz de o engolir.

O Manuel teve tempo de saltar para o lado, caindo sobre os degraus da ermida de Alcamé. Percebendo que o monstro ia lançar-se de novo sobre ele gritou, apavorado:

– Nossa Senhora de Alcamé me valha.

Nesse momento, ressoou um trovão. Uma bola de fogo apareceu do nada. De dentro dela surgiu a forma de uma mulher que, num ápice, lançou para dentro da boca aberta do monstro uma maçã. Atónito, o Manuel viu o monstro retorcer-se e diminuir de tamanho, enquanto que a bola de fogo desaparecia e com ela a aparição de Nossa Senhora de Alcamé.

Ainda assustado, o Manuel olhou para a cobra. Era tal como ele a tinha deixado no ano anterior. Assobiou e a cobrinha subiu para a sua mão estendida e enroscou-se como se fizesse um carinho.

Pouco depois o rapaz corria para junto dos homens e das mulheres que ceifavam o campo e contava o que havia acontecido. Ele próprio ainda nem queria acreditar.

– Estiveste a beber vinho às escondidas, foi? – perguntou um capataz, mas teve de admitir que o Manuel não era homem para beber demais e também não tinha o costume de mentir ou de inventar histórias.

– Dizes tu que a Santa jogou uma maçã para a goela do monstro? Onde é que a Santa arranjou a maçã? Não tinha mais lógica ter jogado um melão? Há para aí tantos. – interferiu uma rapariga que ouvia a conversa.

– Sei lá eu! O que eu não percebo é o que terá acontecido para que a cobra tivesse crescido tanto, isso não é normal. – disse o Manuel.

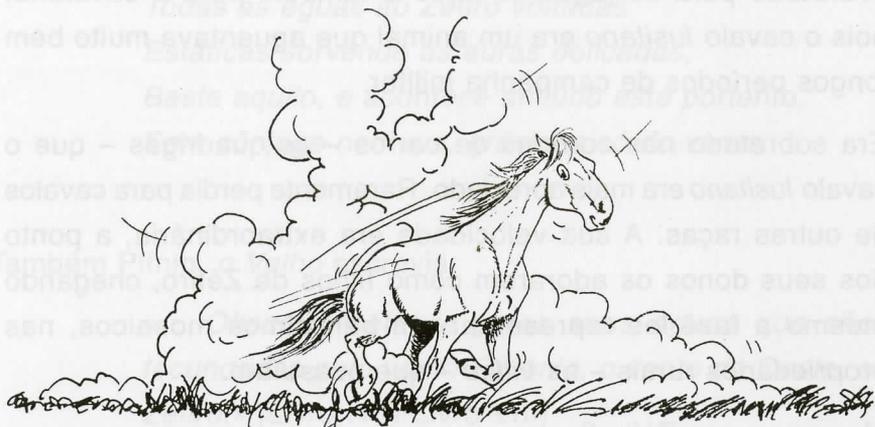
Para isso ninguém tinha resposta. Uns diziam que aquilo tinha sido obra do demónio e que por isso a Santa tinha aparecido tão prontamente. Outros afirmavam que tudo aquilo não tinha passado de uma ilusão, provocada pelo calor que, nesse dia, se fazia sentir forte

O Manuel não quis saber de mais nada. Ter a cobra consigo era tudo quanto queria. Nunca mais se separou dela. De vez em quando, ao longo da vida, perguntava-se o que é que realmente teria acontecido. Teria sido mesmo a imagem de Nossa Senhora de Alcamé que o tinha salvo? Teria existido, alguma vez, um monstro que se transformara de novo na sua cobra amiga?

A verdade nunca ninguém a soube ao certo, mas a história espalhou-se, cresceu, alterou-se, transformou-se numa lenda.

No altar da ermida de Alcamé havia um retábulo, onde a imagem de Nossa Senhora tinha uma cobra a seus pés. O retábulo ilustrava a lenda.

O FILHO DO VENTO



No ano 218 a.C. os romanos entraram no território, que um dia havia de ter o nome de Portugal e começaram, aos poucos, a fixar-se. Dividiram a Península Ibérica em três províncias, uma delas ganhou o nome Lusitânia, em homenagem a um dos muitos povos que habitavam a região.

No séc. I a.C., por ordem do imperador romano, Estrabão, um geógrafo de origem grega, escreveu a *Geografia* que, ainda hoje, passados mais de dois mil anos, é um documento importante para o conhecimento da Lusitânia.

É graças a Estrabão que sabemos que o rio Tagus – o nosso Tejo – era navegável até muito perto de Abrantes. Isso foi uma informação que interessou muito aos romanos, pois seria pelo rio que fariam o transporte de produtos da Lusitânia para todo o resto do Império, e vice versa.

Já nesse tempo, na margem esquerda do Tagus, estendia-se uma planície, imensa e fértil, que hoje conhecemos como Lezíria.

Onde viviam manadas de cavalos selvagens. Belos cavalos, fortes e felizes, que haviam de ser muito apreciados pelos romanos, sobretudo para os jogos de circo e também para a cavalaria, pois o cavalo *lusitano* era um animal que aguentava muito bem longos períodos de campanha militar.

Era sobretudo nas corridas de carros – as quadrigas – que o cavalo *lusitano* era mais apreciado. Raramente perdia para cavalos de outras raças. A sua velocidade era extraordinária, a ponto dos seus donos os adorarem como filhos de Zéfiro, chegando mesmo a fazê-los representar em belíssimos mosaicos, nas propriedades rurais – as *villae* – que possuíam.

Mas quem era Zéfiro?

Na mitologia romana existem muitos deuses, semi-deuses e heróis. Éolo era o rei do vento, ao serviço dos deuses do Olimpo. Vivia na ilha Eólia, de onde comandava os ventos. Eram quatro os ventos principais: Áquilo, o vento do Norte; Euro, o vento do Oriente; Noto, o vento Sul e Zéfiro, o vento do Ocidente, que os romanos chamavam Favónio.

Mas, o que é que Zéfiro tem a ver com o cavalo *lusitano*?

Voltamos a Estrabão. Quando viu de perto o cavalo *lusitano*, que corria livre pela Lezíria, numa velocidade nunca antes vista, o geógrafo pensou que isso só podia ser obra dos deuses. Uma velocidade assim, tinha que ser mágica.

Então recordou que, na Grécia, há muito o cavalo *lusitano* era conhecido, quase como um mito. Contava-se que as éguas lusitanas, nos dias em que o vento soprava forte das bandas do rio, eram visitadas por Zéfiro, que as fecundava. Dessa relação nascia o cavalo *lusitano*, belo e veloz, como o vento.

Na mesma época Virgílio, um poeta romano escrevia nas *Geórgicas*:

*Vede além no alto serro a cena que aparece
Todas as éguas ao Zéfiro voltadas
Estáticas sorvendo as auras delicadas,
Basta aquilo, e acontece amiúdo este portento,
Sem cónjuge nenhum, grávidas só do vento...*

Também Plínio, o Velho escrevia:

«... *Olissipo, célebre pelas suas éguas que são
fecundadas pelo vento Favónio, o vento do Oeste, o
Zéfiro.*» [Livro IV e Livro VIII]

Do tempo dos romanos até aos nossos dias, passaram-se muitos séculos, mas ainda hoje, o cavalo *lusitano* é muito apreciado. É uma das melhores raças para as lides a cavalo, para tauromaquia e para desportos relacionados com a equitação.

No Centro Equestre *Lezíria Grande*, em Vila Franca de Xira, existe um túmulo com uma lápide onde se conta a história do cavalo *Jardineiro*, um lusitano que, durante as invasões francesas, no século XIX, foi capturado pelo inimigo e voltou sozinho, cansado e doente à casa do seu dono, onde veio a morrer.

Hoje nós sabemos que o cavalo *Lusitano* não é filho do vento e Zéfiro ficou esquecido na mitologia romana. No entanto, quando vemos correr um cavalo pela planura da lezíria, num dia em que o vento sopra vindo das bandas do rio, damos por nós a recordar o geógrafo Estrabão e a história bonita que ele nos deixou.

HISTÓRIA DO TEJO



Era o ano de 1487, estava-se em pleno mês de Agosto, e o sol queimava forte. O João, filho do calafate, saiu à rua para brincar junto ao rio, perto do cais de Povos. Era bom ficar na margem a ver os barcos navegar rio acima, rio abaixo, ouvir as conversas dos homens, ajudar quando alguém precisava da ajuda de um rapaz de dez anos e, sobretudo, era bom lançar-se ao rio e nadar nas águas frescas e limpas do Tejo.

Mas nesse dia nada disso aconteceu. No cais havia um grande movimento de gente. Muita gritaria, muita confusão. O João tentou saber o que se passava, mas ninguém tinha tempo de parar para explicar o que quer que fosse a uma criança. Dizia-se que estava a ser construída uma armada de navios.

– Mas porque é que não constróem a armada em Lisboa? – perguntou o rapaz a um velho, que estava sentado em cima de um barril, observando, como ele, o movimento do cais.

– Parece que a peste anda solta pela cidade. – respondeu o velho.

– Peste?! Não há perigo dela vir até cá?

O velho olhou para o rapaz e sossegou-o.

– Nã senhor! Com a Graça de Deus, ela fica por lá. Por isso El-Rei mandou que se fizesse a armada no cais de Povos. Também te digo rapaz, que por cá há calafates e mestres construtores tão bons, ou melhores que os de Lisboa. Não fosse assim, não estavam a construir a armada que há-de ir combater os mouros, no Norte de África.

O rapaz ficou espantado.

– Ena! Vão combater os mouros. É para isso que servem os barcos que estão além a construir?

– Não. – esclareceu o velho – Esses são para outra coisa. Ouvi dizer que El-Rei vai mandar descobrir uma rota para buscar especiarias, oiros e panos finos às Índias. Mas isso é segredo. Nem sei porquê!

Olhou em volta, como para se certificar que ninguém os ouvia e continuou:

– Há por aí uns homens com a cabeça cheia de sonhos de grandeza.

Pensam que podem dobrar o mar. Mas o mar guarda muitos perigos. Há monstros gigantes, capazes de devorar um barco inteiro, tempestades imensas que em poucos momentos desfazem a caravela mais forte... Cá para mim, nunca vão conseguir dobrar o mar. Digo eu, António Garrincha, que já fui marinheiro!

O João ouvia encantado.

– E vosmeçê, quando andava no mar, viu muitos monstros marinhos?
– perguntou.

– Não. Com a ajuda do Senhor, nunca topei com monstros. Mas um dia ouvi o canto das sereias.

– Sereias?! Não são mulheres com rabo de peixe, que vivem no fundo do mar?

– Isso mesmo! E cantam de uma maneira tão bonita, que os marinheiros têm ânsias de se atirar ao mar para ir ter com elas. Vi morrer muito companheiro, enredado pela voz maviosa das sereias. – disse o velho, calando-se de seguida, com certeza a recordar os tempos em que vivia no mar.

O João ficou a pensar naquela conversa. Ele bem que gostava de ir com aqueles homens em busca de terras novas. Devia ser uma vida cheia de aventuras. O pior eram os monstros e as tempestades. Ele bem sabia que muitos navios nunca regressavam ao porto, perdidos no mar.

«Mas que importa! – pensou – Antes morrer no mar, na aventura da descoberta, que ficar para aqui, toda a vida, a ver os barcos partir.»

Durante todo o tempo, que levou à construção da frota, o João passava, sempre que podia, no cais. Viu os três barcos crescerem, tomarem forma. Ele mesmo, ajudou o pai, em pequenos trabalhos de calafate. Sentia que aqueles barcos eram um bocadinho seus.

Havia de ter pena quando eles se fizessem ao mar.

Um dia, estava tão distraído a sonhar em como seria bom ser comandante de um daqueles navios, e partir à procura de novas terras, que nem reparou que, mesmo por trás dele, estava um homem alto que o olhava sorridente.

– Gostavas de viajar num navio assim? – perguntou o desconhecido.

O João sobressaltou-se, olhou o homem, e respondeu que sim, meio a gaguejar.

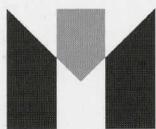
– Pois bem meu rapaz, aqui onde me vês, sou Bartolomeu Dias, comandante desta frota que vai partir, dentro de dias, em busca de novos rumos nesse mar desconhecido, em nome d’el Rei D. João II. E tu, se és o João, filho do calafate, que há muitos dias acompanhas os trabalhos no cais, podes juntar-te à tripulação, se quiseres e o teu pai o permitir. Precisamos de um grumete.

A alegria foi tanta, que o João quase se esquecia de responder. Saiu a correr, deixando no cais um homem alto, de nome Bartolomeu Dias, a rir da euforia do rapaz.

Tempos depois, o João acompanhou a frota que partiu do cais de Povos.

Voltou mais de um ano depois e contou a toda a gente como fora descoberta a rota do cabo da *Boa Esperança*. Revelou que os monstros marinhos e as sereias eram fruto da imaginação dos velhos marinheiros. Que o mundo era grande e estava por descobrir. E que, quando acreditamos no sonho, é possível vivê-lo.

O João, filho do calafate, que partiu do cais de Povos, num dia de Agosto de 1487, viveu muitas aventuras, tantas que não cabem neste espaço pequeno. Se alguém as quiser conhecer, é só pegar num livro de História e ler. Em todas essas aventuras do tempo dos Descobrimentos, o João estava lá, mas só nós sabemos disso.



MUSEU
MUNICIPAL